

Três notas sobre o amor

Miriam A. Nogueira Lima

“A pulsão e seus destinos” (Freud, 1915) é um texto complexo e também fundamental. Na re-leitura que tive o ensejo de fazer agora provocada por estas jornadas de estudo me dei conta dessa complexidade - suas entradas e saídas, seus meandros - e extrai dele o que me foi possível tomando as referências ao amor e ao ódio juntamente com o que se lê sobre isto em Lacan: *Seminário 20* (1972-73), *Seminário I* (1953-54), “Variantes do Tratamento padrão” (Escritos, 1955), para escrever as três anotações que se seguem.

A primeira delas é que Freud ao apresentar no texto de 1915 os pares antitéticos relacionados ao amor – amar/odiar; amar/ser amado; amar-odiar/indiferença – propõe a antítese amar/odiar como sendo a única expressão da transformação de uma pulsão em seu contrário, sendo este um dos quatro destinos da pulsão descritos por ele ao lado de outros três: a orientação para a própria pessoa, o recalçamento, e a sublimação. Portanto, Freud considera o amor uma pulsão ^[1] que anda de par com seu contrário: o ódio. Não raro amor e ódio comparecem juntos, orientados para um mesmo objeto, o que se constitui como exemplar da chamada ambivalência afetiva. Segundo Freud, a história das origens e das relações dos dois termos torna compreensível essa ambivalência.

Enquanto relação com o objeto, o ódio é anterior ao amor, tendo nascido da repulsa primitiva por parte do eu em relação ao mundo exterior – esse incansável emissor de estímulos –, e é somente com a entrada do objeto na fase do narcisismo primário que se estabelece a antítese e a possibilidade de seu comparecimento em relação ao mesmo objeto caracterizando-se, assim, a dita ambivalência.

Sem que tenha escapado a Freud que a relação amorosa com um determinado objeto ao se romper freqüentemente dá lugar ao ódio, ele diz “isto nos dá a impressão de uma transformação do ódio em amor”. ^[2] A explicação é que o ódio quando realmente motivado é reforçado pela regressão do amor à fase preliminar sádica e recebe um caráter erótico, o que assegura a continuidade de uma relação amorosa. Tal afirmação contribui para entendermos o uso erótico do ódio, possível de ser

encontrado nas relações amorosas de modo geral, como disse Freud, e que nós podemos reconhecer também em nossa prática clínica na transferência analítica.

No *Seminário 20*, encontramos a peremptória afirmação de Lacan: “[...] a análise nos incita a esse lembrete de que não se conhece nenhum amor sem ódio”^[3]. Lacan, então, criou o neologismo *hainamoration*. Quando ele passa a considerar o amor não no masculino, mas no feminino ainda nesse Seminário chamando o extremo do amor de “‘a’ verdadeira amor” afirma: “a verdadeira amor desemboca no ódio”.^[4]

Minha segunda anotação faz um recuo aos anos cinquenta. Em “Variantes do Tratamento Padrão”, Lacan distinguiu amor de desejo de amar no neurótico como se depreende da afirmação “a sabedoria sempre soube que o desejo de amar no neurótico é a antinomia do amor”.^[5] No *Seminário I*, ele sublinhou a necessidade de “distinguir o amor, enquanto paixão imaginária, do dom ativo que se constitui no plano simbólico”,^[6] como também discorreu sobre o desejo de ser amado. Este “é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal, enviscado, submetido à particularidade absoluta de si mesmo como objeto”^[7]. Mais adiante afirmou ainda: “Inversamente, [...] amar é amar um ser para além do que ele parece ser. O dom ativo do amor visa o outro, não na sua especificidade, mas no seu ser”.^[8]

Depreende-se de toda a teoria freud-lacaniana sobre o amor e o ódio, que há uma dimensão imaginária do ódio na medida em que a destruição do outro é um pólo da estrutura mesma da relação intersubjetiva, herança do Estádio do Espelho. Aquilo que eu entendo como sendo a “dimensão simbólica no imaginário”^[9], ou seja, quando a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, no dizer de Lacan, faz com que o ódio, como afirmado no *Seminário I*, não se satisfaça com o desaparecimento do adversário. Cito:

“Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio como o amor é uma carreira sem limite”^[10]

Retomando os anos 1972-73, encontramos a dimensão real quando, no *Seminário 20*, aproximaram-se amor e morte na já acima referida *hainamoration*, numa dialética muitas vezes impossível de suportar.

Minha terceira anotação diz respeito à ignorância. No final da segunda parte da aula de sete de julho de 1954, do *Seminário I*, vemos que ao falar de amor e de ódio Lacan designa as vias de realização do ser, não a realização do ser: “mas somente suas vias [...], entretanto se o sujeito se engaja na busca da verdade, como tal, é porque ele se situa na dimensão da ignorância”, ele afirma. ^[11] Em “Variantes do tratamento padrão”, referindo-se à ignorância como sendo ela também uma via de realização do ser além do amor e do ódio, Lacan esclarece: “a análise só pode encontrar sua medida nas vias de uma douta ignorância” ^[12]. Do lado do analista a ignorância deve ser somente concebida enquanto “*a ignorância douta*, que não quer dizer sábia, mas formal, e que pode ser, para o sujeito, formadora”. ^[13] Se retornamos a Freud, em 1912, encontramos, desde então, as raízes dessa ignorância nas recomendações aos praticantes da psicanálise. ^[14]

Já por parte do analisante, aprendemos com o ensino de Lacan, e constatamos na experiência com a psicanálise, que a paixão da ignorância é necessária para que se estabeleça o que mobiliza a transferência. Cito:

“[...] as duas possibilidades do amor e do ódio não vão sem essa terceira, que se negligencia, e que não se nomeia entre os componentes primários da transferência – a ignorância enquanto paixão. [...] O sujeito que vem para análise se coloca, entretanto, como tal, na posição daquele que ignora”, afirma ele. ^[15]

É justamente esta posição que possibilita a prontidão para a transferência, *readiness to the transference*, ^[16] e a suposição de saber no analista.

Amor, ódio e ignorância, portanto, são termos articulados que compõem o trinômio passional que Lacan chamou de paixões fundamentais do ser.

Adendos:

1 – Sobre o “ser”, cabe lembrar as considerações feitas ainda no *Seminário I* onde se lê que o simbólico introduz um oco, um buraco que possibilita as diversas espécies de franqueamentos, tornando as coisas intercambiáveis. Este furo no real, Lacan chama de o ser ou o nada que para ele são essencialmente ligados ao fenômeno da palavra, e assegura: “É na dimensão do ser que se situa a tripartição do simbólico, do imaginário e do real, categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência”. ^[17] A partir daí, ele vai inscrever as três paixões

fundamentais na dimensão do ser, e não do real, colocando o amor na junção do simbólico e do imaginário, o ódio na junção do imaginário e do real, e a ignorância na junção do real e do simbólico, como bem se lê na parte final da aula de 30 de junho de 1954. ^[18]

2 - A conjunção amor-morte, que pode ser lida no final do *Seminário 20*, é inerente à paixão. A partir dessa perspectiva, o amor se reúne à morte naquilo que ela tem de mais destrutivo, como no dizer de Serge André, por exemplo: “neste nível de real o amor vai até a morte do parceiro [...] ter o seu ser, mesmo que ele não deva ser mais”, opondo-se, assim, a vertente simbólica do amor: que isto dure para sempre, que não pare de se escrever, à vertente real: é preciso que isso pare. ^[19]

3 – Assim como para Freud tampouco para Lacan o pensamento sobre o tema do amor e da pulsão sexual ocorreu sempre igual, pois ao longo de seu ensino duas concepções se sucederam, embora na ordem inversa do que ocorreu com Freud, conforme ainda a análise de Serge André. Baseadas em diferentes pontos teóricas, a primeira delas tem como referência o falo – “o amor é dar o que não se tem” –, a segunda se apóia no furo, penso poder dizer assim, pois é referente à posição feminina segundo as formulações do *Seminário 20*, ao significante da falta de significante no campo do Outro (S de A barrado); e sua formulação final vai ao encontro da poesia – “o amor é a poesia”. ^[20]

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2002.

NOTAS

^[1] Neste ponto, cabe uma nota sobre as relações entre estes dois termos que, como é sabido, não permanecem as mesmas ao longo de sua obra. No início amor e pulsão sexual se distinguem mais claramente, para se unificarem sob a égide de Eros de forma definitiva a partir da virada teórica de 1920. Ver a propósito os comentários de Serge André, *O que quer uma mulher*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 263-265

^[2] Freud, S., “Los instintos y sus destinos”. In *Obras Completas*, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, p. 2051.

^[3] Lacan, J. *O Seminário*, livro 20, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 122.

^[4] Idem *ibidem*, p. 200.

^[5] Lacan, J. “Variantes do Tratamento Padrão”. In *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge

Zahar Editor, 1998, p. 360.

[6] Lacan, J. , *O Seminário*, livro I, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 314.

[7] *Idem ibidem*, p. 315.

[8] *Idem*.

[9] Nogueira Lima, M., “A dimensão simbólica no imaginário”. In Biblioteca de Intersecção Psicanalítica do Brasil, WWW.interseccaopsicanalitica.com.br

[10] Lacan, J. *O Seminário*, Livro I, op. cit. p. 316

[11] *Idem*.

[12] Lacan, J. “Variantes do tratamento padrão”, op. cit. p. 364

[13] *O Seminário*, Livro 1, op. cit. p. 317

[14] CF. S. Freud . “Consejos al medico en el tratamiento psicoanalitico”. In *Obras Completas*, op. cit. p. 1654.

[15] Lacan, J, *O Seminário*, Livro 1, op.cit. p. 309.

[16] *Idem ibidem*, p. 316.

[17] *Idem ibidem*, p. 308.

[18] *Idem ibidem*, p. 309.

[19] André, S., *O que quer uma mulher*, op.cit. p. 257.

[20] *Idem ibidem*, p. 266.